



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de inauguração da Usina Hidrelétrica São Salvador**

São Salvador-TO, 05 de fevereiro de 2009

Estou aqui na expectativa de ver a água sair. Deram-me 5 minutos, já faz 6...

Bem, eu quero cumprimentar o meu amigo governador Marcelo Miranda, e cumprimentando o Governador eu quero estender os cumprimentos aos empresários, aos senadores, aos deputados, aos prefeitos, aos meus ministros, à imprensa, e por fim, aos trabalhadores que agora começam a ver, ainda não produzindo energia, mas o resultado do trabalho que eles fizeram nesses últimos 30 meses.

Vou contar um pequeno caso para vocês. Nos anos 80 eu tinha sido afastado do Sindicato de São Bernardo do Campo - quando eu era o presidente - eu tinha sido cassado e, depois, elegemos uma nova diretoria. Eram anos muitos difíceis, vocês estão lembrados de que nos anos 80 começou aquilo que depois nós chamávamos de “década perdida”, ou seja, anos angustiosos, em que o Estado brasileiro sucumbiu à dívida externa, a capacidade de investimento do Estado praticamente ficou paralisada. O último momento em que nós tivemos investimentos em infraestrutura foi de 75 a 80, quando o Geisel estava na Presidência. E alguns especialistas dizem que depois que o Geisel fez os investimentos em infraestrutura, quem veio depois dele teve que pagar as dívidas que ele fez e, portanto, não houve mais investimentos. Então, nós vivíamos um momento muito delicado: a economia praticamente atrofiada, a indústria cada vez mais mandando mais trabalhadores embora, e uma situação muito triste. Naquele tempo, os dirigentes sindicais faziam greve, e vocês sabem que fazer uma greve é sempre muito fácil. Para fazer uma greve, com meia dúzia de palavras, você



decreta uma greve. Para acabar com uma greve, aí precisa ser dirigente, aí tem que ter um pouco mais do que meia dúzia de palavras, tem que ter muito argumento e muita liderança. Mas nem sempre as coisas iam certo. Tinha momento em que se decretava um movimento e depois esse movimento perdia a razão de ser, porque os trabalhadores começavam a desanimar depois de 5, 6, 7 dias de greve, ninguém negociava e aí, então, eu era chamado. O pessoal dizia que o meu papel era o de levantar o moral do pessoal. Então, eu ia para a porta de fábrica, já quando tudo estava muito difícil, para levantar o moral da tropa, até para que se ela tivesse que voltar a trabalhar, que voltasse a trabalhar de cabeça erguida, e não voltasse a trabalhar como se estivesse se rendendo diante do fracasso.

Eu estou contando isso na frente de um empresário francês, que não apenas está fazendo investimentos no Brasil mas, mais do que isso, está acreditando nas coisas que acontecem neste país no presente e para o futuro. Eu me sinto hoje como se fosse em um momento daqueles dos anos 80, em que eu levantava o moral da tropa para que os trabalhadores não saíssem derrotados, eu me sinto um pouco um levantador do moral, em função da crise econômica mundial que se abateu desde setembro de 2007, se agravou em setembro de 2008, e a gente ainda não tem o resultado definitivo da profundidade dessa crise mundial.

Eu tenho consciência de que o Brasil, por tudo o que fez nos últimos anos, é o país que tem melhores condições para sofrer menos com essa crise. Isso não é dito mais pelo presidente da República, ou pelo meu ministro da Fazenda, ou pelo presidente do Banco Central. Isso é reconhecido em qualquer fórum empresarial e em qualquer fórum de debate econômico no mundo. As pessoas finalmente reconhecem que o Brasil, do ponto de vista da sua solidez econômica, dos marcos regulatórios e, sobretudo, da estabilidade que está criada neste país, que nós temos condições de ser o país que menos sofra com essa crise.



Obviamente que vai depender muito do que fizerem os americanos daqui para a frente, vai depender um pouco do que fizer a União Européia daqui para a frente, porque embora o Brasil tenha uma política de balança comercial muito diversificada, muitos dos nossos compradores dependem muito do que eles exportam para os Estados Unidos e para a União Européia. Portanto, a União Européia e os Estados Unidos deixando de comprar, tem problema na China, tem problema na Índia. A China, sobretudo, porque 40% do PIB dela depende da balança comercial. Não é o caso do Brasil, em que o PIB depende apenas 13% da balança comercial. Mas obviamente que se a China para de vender para a França, a China vai começar a deixar de comprar de alguém. Se a Índia para de vender para a Inglaterra, ela vai deixar de comprar de alguém. E assim você pode ter uma cadeia que consiga fazer com que nos países em desenvolvimento tenha uma retração no crescimento da economia, e não uma recessão como nós temos na Europa e nos Estados Unidos.

Agora, prestem atenção em uma coisa. Todo mundo sabe, essa é uma crise que qualquer cidadão comum, o mais humilde trabalhador que trabalhou no canteiro desta obra sabe que essa é uma crise mundial, sabe que ela nasceu nos Estados Unidos e sabe que ela está ligada ao setor habitacional dos Estados Unidos.

Eu confesso a vocês que embora seja muito importante ser presidente dos Estados Unidos, eu acho que o nosso querido companheiro Obama está com um “pepinaço” na mão. Eu rezo por ele mais do que rezo por mim, para que ele consiga encontrar uma saída para os Estados Unidos, e quem sabe isso ajude a resolver o problema de outros países.

Mas também há um fato muito importante, que é o fator psicológico, é a expectativa, a esperança, o desejo das pessoas que estão comprometidas. Eu disse em um pronunciamento que fiz no dia 22 de dezembro, em rede nacional, que a economia é como uma roda-gigante, ou seja, se a gente parar de rodar a roda-gigante, ela vai ficar totalmente paralisada, e como na economia, um setor



vai puxando o outro se houver desconfiança na sociedade. Se o embaixador da França não tiver coragem de trocar o carro dele, ou de trocar uma geladeira que vai emitir menos gás – aquele CFC, que é um gás muito poluente – se ele não comprar uma televisão que gaste menos energia, e ficar dizendo “eu vou esperar a crise na França acabar, porque aí vai melhorar no Brasil”, se ele não comprar a crise pode se agravar. Na hora em que o consumidor perde a confiança ele não compra, o empresário não produz e o comércio não vende. Aí, a crise chega a todos os setores da economia.

Eu estou dizendo isso porque parece simples. Mas as pessoas, às vezes, são levadas ao pânico por terrorismos que são vendidos a toda hora, todo dia, nas nossas conversas, nas conversas das pessoas, ou seja, todo mundo... É como doença, sempre se agrava um pouco mais. O meu papel como presidente deste país, primeiro porque eu acredito, segundo porque eu tenho convicção de que o Brasil é o país mais preparado para vencer essa crise e é o país que vai sair mais forte dessa crise, porque eu tenho sido uma espécie de levantador do moral de companheiros empresários. Não tampouco dos empresários que eu tenho chamado no meu gabinete para dizer a eles que eles têm que manter os investimentos, chamado o BNDES e dizer a ele para facilitar mais a liberação dos investimentos; chamar os ministros para pedir que eles comecem a contratar as obras, este ano, em dois ou três turnos. E o governo vai ter que pagar mais rápido. Se uma empresa privada pode fazer uma obra em um ano, por que o governo tem que demorar dois anos? É porque o governo fica subordinado ao orçamento, só pode liberar um tantinho de cada vez. E nós precisamos compreender que em tempo de guerra a gente trabalha mais, a gente age mais, tem mais ousadia e faz as coisas que em tempo de normalidade não é preciso fazer.

Vocês não podem esquecer que quatro meses atrás nós começamos a tomar medidas para conter a demanda. A demanda estava muito forte, e a inflação estava dando sinais de arrebentar a parede. Nós começamos a tomar



medidas, criamos instrumentos, mandamos medidas provisórias para o Congresso Nacional. Não precisou nem ter os efeitos das medidas que nós mandamos, e a demanda caiu. Embora essa dívida não devesse ter chegado aqui no Brasil, causando o desemprego que já causou em dezembro, a verdade é que no Brasil nós já fizemos mais do que qualquer outro país, mas ainda não resolvemos todos os problemas, porque entre as nossas decisões e o resultado chegar à ponta, onde interessa, leva um tempo maior do que a gente espera. Certamente que as medidas que o Sarkozy tomou ainda não surtiram efeito. Certamente que os 800 bilhões que a China colocou na economia ainda não surtiram efeito. Certamente que o anúncio do dinheiro que o Obama [ia] colocar, que o Bush disse que colocou, ainda não surtiu efeito. Isso leva um tempo de maturação.

Mas prestem atenção em uma coisa: se nós, que temos condições favoráveis, temos projetos, obras contratadas, obras licitadas, obras para licitação; uma empresa como a Petrobras, que pode investir até 2013 US\$ 174 bilhões, não é de reais, é de dólares; um BNDES, que teve R\$ 100 bilhões a mais para fazer financiamentos; um Banco do Brasil, que tem disponível para crédito tudo o que o Brasil tinha em 2003, prestem atenção, o Banco do Brasil hoje tem uma disponibilidade de crédito maior do que o Brasil tinha em 2002, o Brasil todo. Ora, se nós temos a Caixa Econômica Federal muito mais forte do que era em 2003. Nunca se investiu tanto em saneamento básico neste país, que o digam os prefeitos, que o digam os governadores. Até três meses atrás, quando eu conversava com a Odebrecht, com a Andrade Gutierrez, com a Suez, com a Camargo Corrêa, sabem qual era a reclamação? “Presidente, está faltando engenheiro”, “Presidente, está faltando pedreiro”, “Presidente, está faltando...” quatro meses atrás.

Portanto, não há nenhuma razão para a gente ter medo dessa crise, não há nenhuma razão. Nós temos é que ser como se fôssemos um médico que, diante de uma cirurgia que tenha que fazer, por mais delicada que seja, ele



sabe que não pode tremer, ele sabe que não pode errar e ele sabe que tem que salvar as pessoas. Acabamos de ver o nosso querido vice-presidente José Alencar passar por uma cirurgia de 18 horas, não foram 18 minutos não, foram 18 horas. Levou mais de quatro dias para acabar o efeito. Ele estava sedado, ele estava... está andando hoje. Daqui a pouco estará conosco aqui.

Então, nós temos que encarar os problemas econômicos que não dependem mais apenas de um país. Vai depender da reunião que tivermos no dia 2 de abril em Londres, com os 20 países que participam do G-20, nas decisões que a gente vai tomar para controlar o sistema financeiro. Se o sistema financeiro americano estivesse fazendo o que faz o sistema financeiro brasileiro, sobretudo dos bancos públicos, investindo na produção, a gente não tinha tido a bolha de especulação que teve lá, a gente não tinha a crise que a gente tinha.

Vocês, empresários, estão lembrados de que a gente todos os dias lia o jornal, um monte de bancos dando palpite na nossa vida, dizendo o que a gente tinha que fazer, que tinha que cortar isso, cortar aquilo, como se eles fossem os especialistas do Planeta. Todos tomaram na cabeça, porque todos estavam ganhando dinheiro fora da economia real, porque todos estavam especulando, porque elevaram o preço do petróleo a US\$ 150 o barril sem nenhuma explicação, e derrubaram para 40, também sem nenhuma explicação. Se o sistema financeiro mundial estiver descolado daquilo que é a razão de ser de uma nação e de um povo – do trabalho, da construção, da produtividade – esse sistema financeiro não existe e não vale nada.

Aqui no Brasil também nós tivemos um outro problema. Nós tínhamos 30% do crédito brasileiro, que era oriundo de empresas brasileiras que tomavam dinheiro emprestado em dólares, sobretudo as grandes empresas: a Petrobras, a Vale do Rio Doce. Parte das empresas que estão aqui tomavam dinheiro emprestado em dólares, em francos ou em qualquer outra coisa. Não pegavam dinheiro no mercado interno. Na hora em que há escassez de



dinheiro no mercado externo, esses empresários se voltam para dentro do mercado interno e o dinheiro que eles pegavam lá fora, tentam pegar no mercado interno.

É por isso que nós colocamos R\$ 100 bilhões a mais no BNDES, porque nós não queremos que falte dinheiro para quem queira fazer investimentos neste país. Não queremos. Se tem algum país em que o presidente da República ou o ministro da Economia não quer um investimento porque não tem dinheiro, eu quero dizer para os empresários: façam os seus investimentos, que dinheiro nós temos para financiar. O que interessa para nós é preparar este país, para quando essa crise terminar no chamado mundo rico, o Brasil estará mais preparado para dar um salto de qualidade na sua participação na economia mundial.

Eu estou convencido de que essa crise é uma oportunidade para a gente acabar com os dogmas, porque foram anos difíceis. Eu vivi a década de 80 e de 70 como dirigente sindical. Eram anos difíceis. Vinte anos sem a economia deste país crescer, 20 anos de desemprego, consecutivos. Todo mundo aqui acompanhou o sacrifício que nós fizemos, o ajuste que nós fizemos. Quando a gente arruma a nossa casa, quando a gente está trabalhando com otimismo para crescer 6% ao ano, aqueles que deram tanto palpite na nossa vida quebram. E instituições importantes como o FMI, como o Banco Mundial, que tinham solução para nós, não têm solução para eles. Não tem nem esse debate mais, acabaram os palpites do mundo. Eu ainda vejo nas empresas que medem risco dos países, medindo o risco do Brasil, e não medem o risco dos Estados Unidos, da Alemanha, da Europa. Eles é que estão em crise, é lá que tem recessão.

Então, eu penso que essa crise é uma oportunidade. Primeiro, para a gente levantar o moral da tropa deste país. Eu digo sempre, com muita responsabilidade: troque o seu sapato, compre sua meia, sua gravata, troque o seu carro. Obviamente, nós temos que fazer a nossa parte: a questão do



spread bancário no Brasil e dos juros precisa se adequar à nova realidade, e fazê-la com responsabilidade. Não pensem que eu fazendo isso, haverá um gesto de irresponsabilidade da parte do governo, porque nós sabemos o quanto foi difícil chegar até aqui e não vou tomar nenhuma atitude que seja insana e que possa jogar fora aquilo que nós construímos. O patrimônio que nós construímos neste país, de credibilidade... Empresário não começa mais a construir obra neste país e ver as máquinas ficarem paradas seis meses depois, porque o governo não paga. Todos os empresários aqui sabem que recebem em dia aquilo que é contratado com o governo. Todos, sem distinção. O Marcelo tem razão: esta geração de governadores, que vai terminar o mandato junto comigo, é a geração mais abençoada dos últimos 30 anos neste país, porque nunca viram tanta obra nos seus estados. Nunca os prefeitos deste país tiveram a quantidade de obras que tem hoje nos quase 6 mil municípios deste país.

O que eu quero agora? O que eu quero agora é que em todas essas obras que nós estamos contratando, se a gente puder fazer... criar dois turnos em cada obra, discutir com as empresas para, em vez de trabalhar 8 horas por dia – não os mesmos trabalhadores, porque não tem mais trabalho escravo neste país –, contratar duas turmas para que a gente possa gerar mais empregos, sobretudo para os trabalhadores que têm uma qualificação menor, mas que são brasileiros como nós e que têm o direito de trabalhar. Se a gente fizer isso, com certeza a gente terminará o ano de 2009 num patamar diferente do que nós terminamos o ano de 2008. A Dilma sabe: se a Petrobras fosse pensar apenas enquanto interesse da empresa, ela poderia postergar os investimentos dela para quando ela quisesse. É direito de uma empresa dizer: “eu não vou investir” ou “eu vou investir”. Mas a Petrobras tem que entender, e entender bem que, embora ela tenha ações na Bolsa de Valores, ela é uma empresa nacional, e os interesses deste país valem mais do que qualquer outra coisa neste mundo.



Então, os investimentos da Petrobras foram mantidos. Se alguém imaginava que nós íamos parar de explorar o Poço de Tupi, estejam certos de que muitos serão convidados a irem comigo lá tirar o primeiro barril de petróleo, a 7 mil metros de profundidade. Se alguém imaginava que a gente ia parar o trem-bala, que não ia fazer, pode ficar animado porque este ano faremos licitação do trem-bala ligando São Paulo, Rio de Janeiro e Campinas. Se alguém tinha dúvida de que a gente [ia] fazer Belo Monte, este ano haverá licitação de Belo Monte. Se alguém tem dúvida de que alguns investimentos vão parar, vão parar se os empresários decidirem não querer mais. É outro problema. Mas, da parte do governo, nós vamos criar as condições para que os investimentos programados para este país até 2013, 2014, 2010, não pare nenhum.

É por isso que nós colocamos 25 bilhões do BNDES para financiar a modernização da agricultura familiar, vendendo 60 mil tratores e vendendo 300 mil máquinas agrícolas. Só no final do ano passado e neste ano já foram contratados 10 mil tratores. Todo mundo sabe que nós autorizamos. Aliás, foi aprovada ontem a medida provisória que autoriza o Banco do Brasil e a Caixa Econômica a poder adquirir outros bancos. Por isso, compramos 50% do Banco Votorantim, por isso compramos a Nossa Caixa, lá em São Paulo, porque nós queremos que o Banco do Brasil continue sendo o maior banco deste país e que tenha mais dinheiro para emprestar para mais gente que queira dinheiro.

Então, meus amigos e minhas amigas, eu queria dizer isso para vocês porque o que torna um presidente da República orgulhoso é ele poder ver uma obra acabada. Cada paralelepípedo que você põe, cada poste, é como se fosse um filho que fosse nascendo. Você diz: isto aqui tem a decisão nossa, isto aqui tem a decisão nossa. O Geddel vai hoje com a Dilma... Não sei por que, mas a Dilma está andando muito, hein, Geddel? Não sei por quê. O Geddel vai hoje com a Dilma para ver as obras do São Francisco, que é um



programa de transposição de águas. A verdade é... a palavra é essa, que vai tirar água do São Francisco para levar para parte do semi-árido, ou seja, um canal que Dom Pedro tentou fazer neste país em 1847, e a oligarquia brasileira não permitia. Pois bem, agora vai sair, e a Dilma vai ver lá com o Geddel, visitar. É uma obra enorme, são milhares de trabalhadores, e quando estiver pronta, 12 milhões de brasileiros não precisarão mais andar com potes na cabeça por 6 léguas, 10 léguas, para levar água suja para beber.

Quando nós começamos a discutir a ferrovia, a Transnordestina, ligando Suape, em Pernambuco, a Pecém, no Ceará, passando por Eliseu Martins, no Piauí, muita gente dizia “não é viável, não é viável”. Se a gente só for fazer as coisas que economicamente são viáveis, você vai fazer somente na Avenida Paulista ou na Avenida Copacabana. Obviamente que tem obra que é [inviável] economicamente no começo, mas o Estado não tem obrigação de pensar apenas na viabilidade econômica, ele tem que pensar na viabilidade da integração, ele tem que pensar na viabilidade futura do País. Este mês nós vamos lá, só por conta da crise. É uma ferrovia de 1.700 quilômetros, que vai ser construída. Estaremos lá para ver os trabalhadores colocarem o primeiro trilho e os primeiros dormentes.

Muita gente dizia que a Ferrovia Norte-Sul estava parada, e eu tenho o privilégio de, com seis anos de governo, ter feito mais do que tudo o que foi feito nos 17 anos antes de eu chegar à Presidência da República. E vamos terminá-la, porque ela vai estar de tal ordem comprometida com contratações, que quem vier depois vai ter que continuar essa obra.

Decidimos fazer uma ferrovia ligando a Bahia à Ferrovia Norte-Sul, uma ferrovia que vai sair de Ilhéus e vai cortar esta parte do Tocantins, para se integrar com a Ferrovia Norte-Sul. Quando os empresários estrangeiros quiserem pensar um país para fazer investimento, eles vão dizer: “Vamos ver quem tem mais energia. O Brasil. Quem é que tem mais terra? O Brasil. A combinação sol e chuva. É o Brasil. Quem tem transporte em condições?” Vai



estar o Brasil.

E ainda, agora vamos tomar a decisão de fazer asclusas que nós vamos fazer para facilitar a integração deste país e ainda assim, vamos preservar a Amazônia. Resolvemos agora fazer a legalização das terras de quem tem sua terrinha lá. Vamos definir, para as pessoas saberem quem é o dono de quê na Amazônia. Já vamos aprovar o zoneamento agroecológico para a cana-de-açúcar, para também definir onde vai plantar. Vamos definir o zoneamento agroecológico do dendê, para saber onde a gente vai plantar.

Eu trabalho com a certeza de que quando eu deixar a Presidência deste país, quem vier depois de mim – eu espero que seja quem eu penso que vai ser – eu quero que essa pessoa receba o País muito mais organizado, um país muito mais destravado, um país com prateleiras de projetos, para que as coisas comecem a funcionar. E aí, nenhuma construtora brasileira vai construir uma hidrelétrica mais, e depois não vai ter linha de transmissão para levar (falha na gravação)... um pouco do apagão de 2001, a gente tinha excesso de energia no Sul e falta de energia no Sudeste, e não tinha linha de transmissão para trazer o excedente de uma parte. Agora, quando estiver fazendo, a linha de transmissão está junto, para que tenha razão de ser.

Então, meus companheiros, estou dizendo tudo isso porque ali naquela sala eu tive uma conversa com o presidente da Suez, com o Marcelo Odebrecht, com a Andrade Gutierrez, para dizer para eles: olha, meus filhos, a ordem agora é trabalhar, a ordem agora é trabalhar. Se a gente tiver muita obra, até a imprensa vai ter estabilidade no emprego, porque eles têm que viajar muito comigo para visitar as obras. Aí, os jornais vão contratar mais jornalistas, a televisão mais repórteres, vai ter mais câmeras, mais fotógrafos. Tudo vai ser melhor se todos nós entendermos que estamos no mesmo barco. Se a gente permitir que esse barco afunde, só vão sobreviver os de sempre, que sobrevivem em qualquer parte do mundo.

Então, eu quero é que a gente olhe que esses trabalhadores nunca, há



muito tempo, não tinham oportunidade de trabalhar. Eles conquistaram esse direito, e nós não podemos permitir que, por causa da irresponsabilidade do sistema financeiro internacional, aqueles que nem sabiam da existência dele sejam vítimas da insanidade da especulação.

Por isso, eu quero agradecer aos empresários que fizeram esta obra. Só neste rio são três, todas no período do meu governo. Eu espero que a gente, quebrando os obstáculos que tem, possa fazer muito mais daqui para a frente. Eu quero agradecer a vocês, porque muita gente dizia que a situação do País estava ruim, e terminamos o ano passado com US\$ 45 bilhões de investimento direto no Brasil. Então, eu queria dizer aos empresários, sobretudo ao meu amigo francês, da Suez: se algum dia [você] se levantar com dúvida de onde aportar o seu capital e estiver procurando um lugar de segurança, lembre-se de um nome bonito, verde e amarelo, chamado Brasil.

Muito obrigado, gente, e parabéns.

(211A)